



## EDUCAÇÃO MUSICAL E TEOLOGIA PRÁTICA: NOS TRILHOS DE UMA RESSIGNIFICAÇÃO TEOLÓGICA A PARTIR DA EDUCAÇÃO MUSICAL NA PERIFERIA

Carlos Augusto Pinheiro Souto\*

### RESUMO:

Esta comunicação tem por objetivo refletir sobre a educação musical enquanto ação da Teologia Prática em favor dos pobres. Para tanto, estaremos refletindo e problematizando sobre o tema a partir do projeto Trilhos Sonoros que é uma ação de educação musical na periferia de Canoas – RS, com crianças e adolescentes em permanente estado de vulnerabilidade social, bem como a partir de referencial teórico preliminar do projeto de tese que versa sobre esse assunto. Quando se pensa em música e teologia, em geral, a associação feita está diretamente ligada a aspectos litúrgicos de determinada celebração cúlrica. No entanto, a educação musical em contextos periféricos tem sido utilizada, pela teologia prática, num sentido que extrapola os muros da igreja chegando àqueles menos favorecidos e contribuindo para uma ressignificação da própria vida. Os elementos estudados de forma preliminar apontam para uma necessidade premente de investigação teológica que possa analisá-lo para além de uma visão fragmentária de igreja instituída, que focalizando apenas o futuro eterno negligencia o presente. As reflexões aqui levantadas permitem ainda uma análise para além do assistencialismo pragmático, que revestido do imediatismo e reducionismo assistencial deixa de contemplar uma libertação plena e a transformação social. As provocações aqui levantadas podem servir para um entendimento de Reino de Deus que se revela, de forma plena, não apenas a partir da igreja instituída e organizada, mas na simplicidade e informalidade das ações desenvolvidas nos projetos de educação musical realizados entre os pobres na periferia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Musical. Teologia Prática. Periferia.

### INTRODUÇÃO

Educação musical e teologia são duas notas plenamente afináveis e consonantes de um mesmo sistema acordal: a vida. Apesar de algumas sensações de desafinação, produzidas por dissonâncias contextuais, fruto de uma leitura

\* Mestre em Musica e Educação, Doutorando em Teologia pela Faculdades EST. Professor da Universidade do Estado do Pará – UEPA email: august\_ana@hotmail.com

reducionista desta relação, a proposta da educação musical e da teologia, não visam outra coisa, senão uma audição satisfatória da sinfonia humana.

Neste sentido este trabalho procura estabelecer relações práticas de proximidade entre a música e a teologia com vistas a uma ação conjunta em favor das pessoas, em especial dos pobres que, historicamente, são alvos do descaso de políticas públicas e, ao mesmo tempo, são esquecidos pela igreja, que se fundamenta numa teologia da exclusão expressa, fundamentalmente, num espaço físico não acolhedor, numa liturgia descontextualizada e numa hermenêutica anacrônica que não consegue atribuir sentido prático e vivencial para os textos bíblicos, tornando-os cada vez mais distantes das pessoas.

Nossa intenção, portanto, é analisar de que forma a música e a teologia podem caminhar juntas, fora do contexto eclesial, oportunizando uma vida abundante em Cristo, conforme João 10.10. Para tanto nosso estudo inicial focalizará o projeto Trilhos Sonoros que consiste numa ação desenvolvida na periferia de Canoas com crianças em permanente estado de vulnerabilidade social, a partir da educação musical.

## A FUNÇÃO SOCIAL DA MÚSICA

A música está presente na vida dos seres humanos de forma incontestável. Todas as civilizações, de todos os tempos, se apropriaram dessa arte das mais diversas formas: através do canto ritualístico, da execução instrumental, dos grandes coros polifônicos, da dança, ou simplesmente através do assovio de uma melodia ou da batida de um determinado ritmo as pessoas se expressaram, se relacionaram, se articularam e buscaram forças, em favor de uma causa social e/ou espiritual, enfatizando, assim, a importância da música na sociedade. Souto (2013) diz que

A música tem o poder de inspirar tropas em batalha e também organizar forças sociais. Ela é capaz ainda de coordenar e estimular trabalhadores, enfim, ela une as pessoas chamando a atenção e sentimentos para uma experiência coletiva. A música pode animar e entreter, acalmar os nervos e fazer uma criança dormir.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> SOUTO, C.A.P. **Orquestra Villa-Lobos: o impacto da competência musical no desenvolvimento sociocultural de um contexto popular.**2013. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação – FAGED, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.p. 53.

A despeito dos reducionismos recorrentes em torno da arte musical enquanto grande força social, “o poder da música está nas interações com os outros aspectos da cultura”.<sup>2</sup> Neste sentido, a música não é concebida como algo que se esgota nela mesma, mas que, ao estabelecer relações com outros aspectos da cultura, adquire um poder capaz de nortear e ressignificar a própria vida.

Para Hargreaves (1998) a música cumpre muitas funções diferentes na vida humana sendo quase todas elas sociais. O autor diz que

usamos a musica para comunicarmos uns com os outros: através da música é possível estabelecer contatos com pessoas de ambientes culturais muito diferentes, mesmo quando os idiomas que falam sejam incompreensíveis entre si. A música pode despertar em nosso interior intensas e profundas emoções, as quais podem chegar a ser experiências compartilhadas entre pessoas e âmbitos bastante diferentes.<sup>3</sup>

Dorothea Hast (1999) é enfática ao dizer que o poder da música está diretamente ligado aos relacionamentos humanos. Individual e/ou coletivamente, as pessoas movem a música e são diretamente movidas por ela. Para Roger Bastide (1971) a música age sobre a vida coletiva transformando o destino das sociedades.

Regina Márcia S. Santos argumenta que a música é um dos caminhos produtores de identidades culturais. “As pessoas se agrupam socialmente através das práticas musicais”.<sup>4</sup>

A respeito da música na educação Maria de Lourdes Sekeff, (2007) diz que:

a vivência musical que se pretende na educação não diz respeito apenas ao exercício das obras caracterizadamente belas [...], mas sim todas as que motivem o indivíduo a romper pensamentos pré-fixados, induzindo-o à projeção de sentimentos, auxiliando-o no desenvolvimento e no equilíbrio de sua vida afetiva, intelectual e social, contribuindo enfim para a sua condição de ser pensante.<sup>5</sup>

Sekeff (2007) considera que o projeto educacional deve ser abastecido com a música, porque a música liberta. Não sendo conceitual, oportuniza ao aluno a estruturação de “[...] valores dentro dos inúmeros expostos e propostos no universo

<sup>2</sup> HAST, Dorothea E. **O poder transformador da música**. Belo Horizonte: Sete, 1999. p.6.

<sup>3</sup> HARGREAVES, David. **The development of artistic and musical competence**. In: DELIEGI, Irene and Sloboda, David. **Musical Beginnings. Origins and Development of Musical Competence**. Oxford University Press. 2000. p.45.

<sup>4</sup> SANTOS, Regina Márcia Simão. (Org.). **Música, cultura e educação**: os múltiplos espaços de educação musical. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 224.

<sup>5</sup> SEKEF, Maria de Lourdes. **Da música**: seus usos e recursos. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2007. p.128.

cultural, possibilitando-lhe atribuir significação, ao mesmo tempo em que estabelece um sentido para sua existência”.<sup>6</sup>

Alberto B. Sousa (2003) diz que a música proporciona à criança um meio que irá juntar-se a outros, para o seu enriquecimento pessoal e desenvolvimento da sua personalidade. John Sheperd (2012), em palestra ministrada no II Simpósio brasileiro de pós-graduandos em música – SIMPOMM, ressalta que a música serve para edificar comunidades, representando uma grande força social. O autor diz ainda que a música enquanto som que conecta as pessoas é um meio de interação social. Para Sheperd, as pessoas aprendem música para se relacionarem entre si, para estarem juntas.

A música contribui para a integração social, funcionando como elemento integrador na sociedade e possibilitando um ponto de convergência onde os membros de uma determinada cultura se reúnem para participar de ações que exigem cooperação e coordenação do grupo.

O fazer musical pode ser compartilhado por pessoas de diferentes classes sociais, idades, religiões e formas de pensar o mundo. Em toda essa diversidade a música é capaz de ressignificar relações, aproximar os distantes, quebrar paradigmas conceituais e atribuir um novo sentido às relações humanas e à relação com Deus. Assim, constitui-se como grande força social e meio aglutinador de pessoas que buscam a paz e a justiça social.

## **A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE SOLIDARIEDADE JUNTO AOS VULNERÁVEIS**

A música tem sido utilizada, em diversos projetos sociais, como forma de inclusão de crianças e adolescentes em permanente estado de vulnerabilidade social. Seja ela, em sua forma vocal, instrumental e/ou corporal tem possibilitado a transformação social de comunidades periféricas, marginalizadas e esquecidas pelo poder público. Essa transformação social resulta da possibilidade que a música tem em dignificar o ser humano, despertando-lhe, em linhas gerais, para a sua capacidade de ser criativo, de viver harmoniosamente em grupo, de ser ouvido, de ser valorizado, de sensibilizar e de contribuir com a alegria de outras pessoas. O

---

<sup>6</sup> SEKEFF, 2007, p. 129.

fazer musica coletivamente não representa apenas uma ação de desenvolvimento técnico, mas um meio de transcendência, libertação e desenvolvimento de habilidades sócio-espirituais que não se encerram no apagar das luzes do teatro, mas permanecem vivas na vida e repercutem na família e na comunidade em geral, tornando-se, assim, uma ação fundamental para o desenvolvimento humano.

Por todo o seu alcance, a música vê-se dotada de um poder que beneficia a todos, [...]. Por essa razão, o trabalho musical bem planejado e o repertório musical bem selecionado sempre beneficiam o educando, resultando em desenvolvimento cognitivo, afetivo, intelectual, educação do pensamento, educação dos sentimentos e consciência de cidadania.<sup>7</sup>

Em geral, as crianças e adolescentes que residem nas periferias são estigmatizadas. Na escola são chamadas de “vileiras” ou outros termos correlatos tão depreciativos quanto aquele. O tratamento já explica um certo distanciamento. No convívio social essas crianças são vistas como perigosas por estarem cotidianamente num cenário composto pela violência, uso de drogas e pobreza. O contexto degradante onde essas crianças residem as expõem ao lixo e às doenças resultantes da falta de saneamento básico. É comum encontrar nesses espaços geográficos crianças descalças, sujas e sem muitas perspectivas para a vida. SOUTO, (2013), diz que

Associados a uma imagem negativa, os bairros da periferia, são geralmente vistos como um lugar de violência, vulgaridade, carência dos bens essenciais a uma vida com dignidade e outros. Os indivíduos que ali residem são estigmatizados como pessoas com “menos cultura”, em alguns casos violentos, vulgares, perigosos e insensíveis à própria vida.<sup>8</sup>

Chamamos a atenção não apenas para o estigma de morar na periferia, mas para o *déficit* de ações educativas em que se pese a ausência de políticas públicas e ações sistemáticas da igreja na área educacional, bem como a falta de investimentos em projetos sociais que favoreçam a formação profissional e cidadã, a periferia é contemplada ainda, cotidianamente com uma política de segurança repressiva. “A combinação perversa – presença enfraquecida do Estado, junto com

---

<sup>7</sup> SEKEF, 2007, p. 85.

<sup>8</sup> SOUTO, 2013, p. 59



a presença ostensiva dos grupos do tráfico ou milícias – leva à impossibilidade de existência de cultura cívica”.<sup>9</sup>

O estigma associado ao fato de residir na periferia, pode ser destacado, ainda, para a compreensão da existência de sentimentos de inferioridade que crianças e adolescentes revelam em seus relacionamentos. As crianças são condicionadas a conviver, cotidianamente, com o estigma de “vileiro”, “favelado” e, culturalmente, inferiores. Essa ideia, em geral, é compartilhada pela sociedade que faz, muito claramente, a distinção entre crianças da periferia e as outras crianças.

Não obstante, essas marcas que são impressas na criança da periferia, a convivência com crianças de outras classes sociais e ainda o recorrente apelo comercial empurra as crianças da favela para o consumo dos produtos da indústria cultural massificados pela mídia, o que representa uma espécie de condição *sine qua non* para uma sensação de igualdade social e enquadramento na cultura globalizada. Neste contexto surgem então os grupos de narcotraficantes que disputam essas crianças não apenas para o consumo, mas para o serviço do tráfico garantindo assim as condições necessárias para uma projeção, mesmo que ilegal, no que diz respeito a capacidade de consumo e ao sentimento de pertença na cultura globalizada e globalizante. A presença do tráfico, por sua vez, desencadeia a disputa por territórios e “clientes”, o conflito com a polícia que em geral resulta na morte de traficantes e/ou policiais e até mesmo na morte de pessoas inocentes que são vítimas de balas perdidas. Esse cenário acaba por reforçar o argumento de que a favela é um espaço sócio-espacial dominado pela cultura da violência.<sup>10</sup>

Em contraponto, a presença da música, o executar um instrumento e, através dele, fazer os outros felizes; o ser aplaudido e valorizado na própria comunidade e fora dela reacende naquela criança a esperança de uma nova vida.

Neste sentido, a música apresenta-se como forte ação solidária, de compromisso real com o outro. Ação que não se reduz, apenas, à inclusão em um grupo artístico-musical, nem a apresentações musicais, mas, sobretudo, desperta na criança a consciência de seu valor e da sua potência enquanto ser criado e cuidado por Deus. O fazer musical possibilita, ainda, que essas crianças estejam inseridas em outros cenários sociais e estejam em contato permanente com outras pessoas dos mais variados segmentos da sociedade. Essa multiplicidade de espaços sociais e de relacionamentos possibilita, por sua vez, o descortinar de novos horizontes que vão sendo visualizados de forma mais límpida a cada ensaio, aula ou apresentação.

<sup>9</sup> PAIVA, AngelaRandolpho; BURGOS, Marcelo Baumann (Org.). **A escola e a favela**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009. p. 19.

<sup>10</sup> SOUTO, 2013, p. 61-62.

Sofia Cristina Dreher<sup>11</sup> diz que a música auxilia as pessoas que foram marginalizadas e desacreditadas. Através da música elas voltam a acreditar que podem proporcionar alegria a seus pais e à comunidade, bem como podem ser queridos (as) e admirados (as) em seu meio social. Hikiji, (2006) diz que

É inegável que a *performance* pública do conhecimento adquirido mexe com o *performer*. Suas habilidades estão sendo exibidas para um público amplo, que pode incluir seus familiares, que até então só tinham ouvido tímidos ensaios individuais. Ao levar a público seu conhecimento musical, o jovem está indo lá e mostrando que é capaz.<sup>12</sup>

Crianças e adolescentes rejeitados (as) pela sociedade, vencem tão grande mal que lhes é imposto com o bem (Rm 12. 21). Não raras vezes temos visto crianças e adolescentes pobres e excluídas demonstrando um grande virtuosismo em determinado instrumento e sensibilizando seus ouvintes. Através da música que fazem, seja individual ou coletiva, subvertem a ordem excludente que as tornam invisíveis e produzem alegria e transformação social. Isso porque, na música ou para música, o critério não é ser rico ou pobre, branco ou negro, pentecostal ou reformado, mas ser fiel mordomo dessa esplêndida dádiva de Deus que é a música, conforme Lutero, e usá-la como ferramenta de libertação.

A educação musical apresenta-se, portanto, como meio de ação solidária para os vulneráveis. O ensino sistemático da música em contextos periféricos têm revelado a grande relevância da música enquanto ação solidária para crianças e adolescentes em permanente estado de risco social. Para Sofia Dreher, nos últimos anos a mídia tem enfatizado a força que a música e o esporte têm quando o assunto é a recuperação de pessoas marginalizadas. Apesar dessa ênfase midiática, percebemos uma dificuldade ou resistência do poder público e, até mesmo, das igrejas na sistematização de políticas junto a essas pessoas. Isso deve-se ao custo elevado de materiais, como instrumentos musicais, ao grande estigma associado aos moradores da periferia, ao risco iminente gerado pela violência, e, diria ainda, ao *déficit* de profissionais preparados para atuarem naquele contexto.

<sup>11</sup> DREHER, Sofia Cristina. Música: Veículo de resgate e transformação comunitária e social. In: EWALD, Werner. (Org). **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar.** Porto Alegre: coordenadoria de música da IECLB, 2010.

<sup>12</sup> HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. **A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.p. 157.

Esse *déficit* não diz respeito a conceitos musicais, teológicos, pedagógicos, técnicos ou filosóficos, a propósito, a respeito desses aspectos os (as) alunos (as) estão bem servidos (as). Falo sobre um *déficit* de solidariedade. Chamo a atenção para uma conciliação necessária daquilo que se aprende nas faculdades teológicas com aquilo que se faz no mundo para o marginalizado, excluído e oprimido. A teologia e a educação musical são, nesse sentido, parceiras em potencial e podem ser produtoras de uma transformação real junto aos pobres. A teologia e a Educação musical podem dar as mãos para um trabalho sistemático junto aos menos favorecidos. É nesse cenário social que a Teologia e a Música podem protagonizar uma mudança efetiva nas vidas das pessoas. Esse protagonismo não acontece, todavia, com discursos teóricos e distantes da realidade das pessoas, mas a partir de uma prática transformadora e envolvente.

## **A TEOLOGIA PRÁTICA: PARADIGMA VERSUS PARADOXOS**

A Teologia Prática é, desde o seu nascimento, uma disciplina controversa. Lothar Carlos Hoch, diz que o seu nascimento enquanto disciplina teológica ocorreu “mais por um ato de negligência, quase por um descuido, do que propriamente como fruto de um desejo consensual dos seus genitores”.<sup>13</sup> Ao analisar o surgimento da Teologia Prática enquanto disciplina teológica, Hoch retorna ao século XIX e diz que a Teologia era uma das faculdades de época que disputavam o interesse dos estudantes. Contagiada pelas ideias iluministas que predominava na época, a Teologia buscava convencer, de certa forma, sobre a sua legitimidade enquanto ciência. No fragor desses esforços em ser legitimada enquanto ciência, a Teologia acabou se tornando refém do academicismo e se afastou da igreja. A partir de então, não houve mais uma relação satisfatória entre a teologia ensinada na universidade e a prática realizada no ministério pastoral e a prática de fé dos cristãos na base.

A partir de então houve a necessidade de se pensar em uma disciplina que pudesse estabelecer uma relação apropriada entre aquilo que se ensinava na academia e a prática de fé. É, então, a partir daí que a disciplina Teologia Prática

---

<sup>13</sup> HOCH, Lothar Carlos. **O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica.** In: **Teologia Prática no Contexto da América Latina/** [organizado por] Schneider-Harpprecht CHRISTOPH e Roberto E. Zwetsch. 3. Ed. Ver. E ampl. – São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2011.



ganha assento nas faculdades teológicas como nova disciplina agregada ao currículo acadêmico ao lado de outras disciplinas como Exegese, História e Dogmática.

Friedrich Schleiermacher, considerado o Pai da Teologia Prática, ao ser responsabilizado em implantar a disciplina na Faculdade de Teologia da Universidade de Berlim, em 1810, se manifestou dizendo que a criação da disciplina Teologia Prática não era desejável. Para Schleiermacher essa disciplina deveria ser assumida por todos os professores das demais disciplinas teóricas. Schleiermacher parte da premissa de que toda a teologia é, em sua essência, prática, “pois ela resulta do segmento da cruz.”<sup>14</sup>

Para Hoch, a análise histórica permite concluir que a necessidade de criação de uma disciplina teológica especial com o objetivo de rever a dimensão prática da teologia, após trezentos anos de protestantismo, já indica, de forma clara, que a Teologia se desviou de sua vocação de ser prática. A teologia se distanciou do povo da igreja na sua base e se aproximou dos eruditos nas universidades. A Teologia Prática surge então como uma função: corrigir essa distorção funcional da Teologia.

Se por um lado essa distorção funcional justifica o surgimento da Teologia Prática, lhe atribuindo uma identidade própria enquanto disciplina teológica, por outro lado apresenta um risco com o qual precisamos nos preocupar: “o de tornar-se uma disciplina destinada a cobrir as lacunas que as demais disciplinas deixam abertas”.<sup>15</sup>

As circunstâncias que fizeram nascer a Teologia Prática nos deixaram outro legado, segundo Hoch:

Como a Teologia estava distante da vida da igreja, ela também estava distante da hierarquia da igreja. Schleiermacher concebeu a Teologia Prática como disciplina que se ocupa com a técnica da condução e do aperfeiçoamento da vida da igreja. Cabe-lhe fornecer o instrumental técnico pelo qual a hierarquia da igreja dirige e regulamenta as diferentes funções, (p. ex., o exercício do ministério pastoral) e as manifestações da vida eclesial, tais como o culto, a catequese, o aconselhamento e a própria forma da vivência comunitária da fé.<sup>16</sup>

O mérito dessa concepção está na conciliação entre a teologia e igreja, ou seja, entre a teoria e a prática. No entanto, essa conciliação traz consigo um novo

---

<sup>14</sup> HOCH, 2011, p. 26.

<sup>15</sup> HOCH, 2011, p. 26

<sup>16</sup> HOCH, 2011, p. 26-27

caminho onde a Teologia Prática é cooptada pela hierarquia eclesiástica, ficando atrelada à mesma. Nesse sentido, Hoch questiona se essa vinculação com a hierarquia eclesiástica não constitui, até hoje, um alto preço para a Teologia Prática e, por extensão, para a vida da comunidade de fé.

Não é suspeita a frequência com que justamente teólogos práticos são incumbidos pela direção das igrejas de preencherem funções administrativas? E não é igualmente suspeita a forma subserviente com que muitos de nós, honrados pelo privilégio de termos caído nas graças dos bispos e presidentes de igreja, desempenhamos nossas funções de vigilantes da tradição e da ordem eclesiásticas, negligenciando a reflexão teológica e o nosso compromisso profético em relação à própria instituição igreja? Seriam, porventura, os teólogos práticos mais afeitos aos cargos eclesiásticos do que ao labor teológico?<sup>17</sup>

Ao estudar as origens da Teologia Prática no século 19 percebemos que o seu lugar de ação não é, em linhas gerais, a igreja e nem a universidade. Não é a igreja pelo fato de a Teologia Prática não ter como objetivo o controle e nem a tutela da fé. De igual forma não é a universidade considerando que a erudição e o academicismo, embora importantes na reflexão teológica, distanciaram a igreja do povo simples. Isso não significa uma aversão à pesquisa e ao estudo sistemático, mas uma compreensão de que a Teologia Prática é vivida plenamente no contato direto com as pessoas pobres que, inclusive, em muitos casos, não acessam a universidade e nem a igreja, mas vivem em seus contextos marginalizados e esquecidos. São nesses contextos que a Teologia Prática atua no sentido de oportunizar uma reflexão para a libertação. Assim, para Hoch, a tarefa da Teologia Prática é contribuir tanto para a teologia quanto para igreja e, especialmente, aos tantos desafios impostos pela sociedade.

Na esteira desse raciocínio o projeto Trilhos Sonoros, enquanto ação cristã na periferia apresenta-se como um contributo para a Teologia Prática, no sentido de criar vínculos reais com as comunidades periféricas e através da música, oportunizar a compreensão e a vivência do amor de Deus.

## **PROJETO TRILHOS SONOROS: EDUCAÇÃO MUSICAL E TEOLOGIA PRÁTICA NA PERIFERIA**

O projeto Trilhos Sonoros é uma ação sócio-cristã que tem por objetivo a inclusão social de crianças e adolescentes em permanente estado de

---

<sup>17</sup> HOCH, 2011, p. 27

vulnerabilidade social. Seu objetivo precípua não é o desenvolvimento da competência técnica em determinado instrumento musical, mas o desenvolvimento de competências sócio-espirituais que oportunizem a sua transformação, libertação e protagonismo.

O projeto iniciou suas atividades com 11 crianças e atualmente atende 50 alunos entre crianças e adolescentes. Sem nenhum vínculo institucional com a igreja, o projeto recebe crianças e adolescentes de diversas confissões de fé. Por ser um projeto que tem valorizado e cuidado da criança e do adolescente, freqüentemente as ações desenvolvidas contam com os pais dos alunos que trabalham de forma coordenada buscando envolver mais crianças no projeto.

O trabalho desenvolvido no projeto Trilhos Sonoros, ao longo de quatro anos, tem revelado que as ações de educação musical têm repercutido para além do desenvolvimento de uma competência técnica num determinado instrumento. O engajamento de alunos, pais, educadores e outros profissionais em favor de uma transformação social, amor e cuidado com os menos favorecidos tem apontado para uma missão específica naquele contexto que, mesmo estando desvinculada das denominações religiosas, está diretamente vinculada e a serviço do Reino de Deus.

O projeto é realizado na periferia de Canoas, região metropolitana, no Rio Grande do Sul. Trata-se de uma vila habitada por catadores de lixo. O local é, na verdade, um grande depósito de lixo e as crianças que ali residem passam boa parte do seu dia no contato direto com o lixo. Um dos moradores do local disse o seguinte: "... as crianças daqui acordam e dão de cara com o lixo. Passam o dia todo no lixo. O que elas vão ser no futuro?" (fala de um pai). A realidade é degradante. O lixo acumulado possibilita a infestação de ratos e outros insetos. A umidade das casas tem provocado problemas respiratórios sérios. Além desses problemas de saúde, existe ainda o consumo e o tráfico de drogas no local.

Esse contexto degradante é o cenário de atuação do projeto Trilhos Sonoros que no decorrer dos quatro anos de existência encontrou certa incompatibilidade de relacionamento com a igreja instituída, pelo fato de se tratar de um contexto extremamente violento, onde as ações marginais são freqüentes e a comercialização de drogas é vista como forma de sobrevivência para algumas famílias que ali residem. As duas igrejas que existem naquele espaço, são reprodutoras de uma teologia que focaliza na prosperidade financeira e na tentativa de elucidar questões relacionadas à fé cristã. Para Carlos Eduardo Calvani, esse

tipo de teologia é restritivo à medida que “ela pressupõe que a igreja contém os tesouros da revelação divina e pouco se importa com o que acontece além dos limites eclesiais, ou seja, na vida da cultura”.<sup>18</sup> Os assuntos referentes à vida secular são desprezados e considerados de pouca importância para a igreja. Considerando que as pessoas vivem numa teia de relações integradas, não é correto separar a esfera espiritual ou pessoal da esfera material e social.

A Igreja, pouco tem feito no sentido de empreender esforços para uma ação organizada na periferia. Essa falta de interesse revela um descomprometimento com os menos favorecidos e, ao mesmo tempo, um *déficit* de competências para lidar com a cultura da periferia. Ao mesmo tempo, os menos privilegiados deixaram de ser o foco do evangelho para dar lugar à salvação de grupos religiosos que visam sua autopromoção eclesial e, obviamente, o poder.

A respeito desse quadro em que vive a igreja, Helmut Renders diz que John Wesley propôs uma reforma, haja vista que a igreja deixou de lado os necessitados. Para tanto, Wesley fundamenta-se no estudo da Bíblia e dos pais da igreja. A atitude de Wesley demonstrou, em linhas gerais, uma preocupação pertinente em relação ao verdadeiro sentido da missão. Sua atitude nos instiga e, ao mesmo tempo, nos impulsiona a viver um evangelho prático, inclusivo e atento para o contexto sociocultural.

Assim, o projeto Trilhos Sonoros, pode apresentar-se como real oportunidade e alternativa viável para uma vivência comunitária inclusiva, aberta ao Sagrado e promotora de transformação sócio espiritual. A prática da solidariedade; o amor demonstrado pelo comprometimento com o outro podem constituir pistas revelatórias do Sagrado nesses espaços, e, ao mesmo tempo, indicar o ajuntamento de uma Comunidade Espiritual que se constrói a partir da visão de Reino de Deus, muito mais ampla do que a visão fragmentária da Igreja instituída.

Nessa perspectiva esse estudo, que aqui inicia, busca compreender de que forma o trabalho desenvolvido no projeto Trilhos Sonoros pode repercutir em outras dimensões que oportunizem uma vida abundante conforme João 10.10, em relação a si mesmo, aos outros, à sociedade e a Deus.

Com vistas a uma vida abundante Zwetsch, destaca uma espiritualidade libertadora que considera e se serve de toda a experiência humana. O autor diz que

---

<sup>18</sup> CALVANI, Carlos Eduardo. **Teologia da Arte**. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2010. p.59-60.

a espiritualidade libertadora como dimensão essencial da caminhada missionária se configura existencialmente como uma espiritualidade aberta a outras áreas da condição humana, fundamentalmente para a vida e a construção de alternativas. Refiro-me à música, à literatura, à pintura, ao teatro, ao cinema, [...] no qual transparece e é tematizada a vida humana em toda a sua riqueza, tragédia e relevância.<sup>19</sup>

O mesmo autor diz que frente à crise da evangelização, da missão e da reflexão teológica, precisamos reconhecer que a fé e a espiritualidade são colocadas em questão. Assim, o autor destaca que

a espiritualidade libertadora constitui-se como um desafio tanto para as comunidades de fé como para cada pessoa que delas participa, também nós, teólogas e teólogos. O que vamos descobrindo e aprendendo – a duras penas – é que tal espiritualidade nos compromete em primeira instância com os pobres, desvalidos, as pessoas com deficiência, os povos indígenas, as comunidades afro, os sem lugar, sem vez e sem voz.<sup>20</sup>

Assim, a educação musical, desenvolvida no projeto Trilhos Sonoros, pode apresentar-se como ferramenta imprescindível para alcançar os excluídos possibilitando não apenas a aquisição do saber artístico-musical, mas também a articulação com outros saberes que contribuirão para uma espiritualidade libertadora e plena que possa repercutir na saúde integral do ser humano.

Essa espiritualidade libertadora, por sua vez, deve oportunizar de forma efetiva, a restauração da identidade, a dignidade e o sentido da vida das pessoas que, “diante dos processos e experiências que nos desgastam, desvitalizam e desorientam desnecessariamente, conseguem nos desumanizar, ou seja, fazem desaparecer em nós a imagem de Deus”.<sup>21</sup>

Sem pretender esgotar esse assunto, as análises feitas, até aqui, nos dão pistas de que o projeto Trilhos Sonoros, enquanto ação educativo-musical na periferia é, no mínimo, um campo fértil de pesquisa no que diz respeito à teologia da cultura, considerando que ela “é mais livre por estar ligada não a uma religião específica, mas ao movimento vivo da cultura onde a vida acontece”.<sup>22</sup> Nesse sentido, Tillich diz que as expressões culturais não necessariamente religiosas também revelavam o Incondicional e as preocupações espirituais de época. Nessa perspectiva Tillichiana o projeto Trilhos Sonoros pode apresentar-se como espaço revelatório do Sagrado, que nos motiva para uma pesquisa sistemática naquele

<sup>19</sup> ZWETSCH, Roberto E. **Teologia e Prática da missão na perspectiva luterana**. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2009. p.57.

<sup>20</sup> ZWETSCH, 2009, p.57.

<sup>21</sup> ZWETSCH, 2009, p.57.

<sup>22</sup> CALVANI, 2010. p 65.



contexto social. Os elementos estudados de forma preliminar apontam para uma necessidade premente de investigação teológica que possa analisá-lo para além de uma visão fragmentária de igreja instituída, que preocupada com o futuro eterno negligencia o presente. As reflexões aqui levantadas permitem ainda uma análise para além do assistencialismo pragmático, que revestido do imediatismo e reducionismo assistencial deixa de contemplar uma libertação plena e a transformação social.

A educação musical desenvolvida no projeto Trilhos Sonoros constitui-se como uma ação da Teologia Prática em favor das crianças e adolescentes que residem na periferia. Musicalizar, neste sentido, não se resume a uma ação de desenvolvimento de competências musicais, trata-se de uma ressignificação de vida a partir da música, enquanto instrumento divino de libertação, potenciação e protagonismo. Para tanto, a música é entendida como meio, através do qual as comunidades pobres percebem-se cuidadas e amadas por Deus. Apesar das condições sub-humanas em que muitas comunidades vivem, a música é capaz de transformar contextos sociais, libertar o oprimido e revelar pistas para Deus. Nesse sentido Lutero é enfático ao falar sobre a importância da música e mencionar que depois da Palavra de Deus, a música tinha o maior destaque.

## REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **Arte e sociedade**. São Paulo: Nacional; Editora da USP, 1971.

DREHER, Sofia Cristina. Música: Veículo de resgate e transformação comunitária e social. In: EWALD, Werner. (Org). **Música e Igreja: Reflexões contemporâneas para uma prática milenar**. Porto Alegre: coordenadoria de música da IECLB, 2010.

HARGREAVES, David. **The development of artistic and musical competence**. In: DELIEGI, Irene and Sloboda, David. **Musical Beginnings. Origins and Development of Musical Competence**. Oxford University Press. 2000.

HAST, Dorothea E. **O poder transformador da música**. Belo Horizonte: Sete, 1999.

HIKIJ, Rose SatikoGitirana. **A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

HOCH, Lothar Carlos. **O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica**. In: **Teologia Prática no Contexto da América Latina/ [organizado por] Schneider-HarpprechtCHRISTOPH e Roberto E. Zwetsch**. 3. Ed. Ver. E ampl. – São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2011.

PAIVA, Angela Randolpho; BURGOS, Marcelo Baumann (Org.). **A escola e a favela**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

RENDERS, Helmut. **Andar como Cristo Andou**: a salvação social em John Wesley. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2011.

SANTOS, Regina Márcia Simão. (Org.). **Música, cultura e educação**: os múltiplos espaços de educação musical. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SEKEF, Maria de Lourdes. **Da música**: seus usos e recursos. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2007.

SHEPERD, John. Conferência sociologia da música. In: **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA**, 2., 2012, Rio de Janeiro. [Anais...] Rio de Janeiro: Unirio, 2012.

SOUTO, C.A.P. **Orquestra Villa-Lobos**: o impacto da competência musical no desenvolvimento sociocultural de um contexto popular. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação – FACED, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

SOUSA, Alberto B. **Educação pela arte e artes na educação**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. v. 3.

ZWETSCH, Roberto E. **Teologia e Prática da missão na perspectiva luterana**. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2009.